

ESTUDO DIGITALIZADO PELO SITE
WWW.SEMEANDOVIDA.ORG

Projeto exclusivo de resgate de revistas antigas de
Escola Bíblica Dominical.

Para mais estudos visite o nosso site.

SAL DA TERRA

Mateus 5.13

Introdução

Estamos presenciando um novo período da história da humanidade. Os especialistas denominam este período de pós-modernidade. Isso porque este novo período tem rompido os padrões que eram considerados inalienáveis, tanto para a igreja quanto para a sociedade.

Viver na pós-modernidade requer dos cristãos uma reflexão séria acerca de seus conceitos e valores. Essa reflexão deverá levar-nos a solidificar nosso entendimento acerca da Palavra, assim como fornecer a base necessária para o cumprimento da vontade de Deus.

Um dos pontos mais significativos dessa reflexão é: Como ser relevante num mundo em transformação? Como pregar o evangelho sem desvalorizá-lo? Encontramos a resposta para essas questões no sermão do Monte, quando Jesus afirmou: "vós sois o sal da terra" (Mt5.13).

1 - ENTENDENDO A PARÁBOLA

Quando Jesus comparou os discípulos com o sal, ele o fez no contexto do sermão do monte. O sermão do monte é a descrição do estilo de vida que os cidadãos do reino de Deus deveriam adotar para si (Mt 5.1- 7.29).

Ao afirmar que os discípulos são o sal da terra, o objetivo de Cristo era descrever como deveria ser o relacionamento deles com o mundo¹. Sendo assim, Jesus aponta para um relacionamento em que o cristão tem que influenciar o mundo e não ser influenciado.

Para entender o emprego da figura do sal é preciso entender quais são as suas aplicações. Em nossos dias, o sal é um tempero usado em praticamente todas as casas.

É um produto barato que encontramos em qualquer mercearia ou supermercado. Mas nos dias de Jesus, o sal era algo muito precioso devido à dificuldade de extração. Na Judéia, sua extração dava-se pela evaporação das águas do Mar Morto. Soldados romanos recebiam sal como parte de seus soldos, daí a palavra salário.

O sal também era usado como um meio de preservação de determinados alimentos, como a carne. Portanto, o bom sal deveria impedir a deterioração dos alimentos.

Jesus compara o cidadão do reino com o sal, tendo em mente essa utilidade. Simon Kistemaker afirma que *"assim como o sal tem a característica de impedir a deterioração, assim também os cristãos devem exercer uma influência moral na sociedade em que vivem. Por suas palavras e atos devem restringir a corrupção espiritual e moral"*.²

Jesus foi contundente ao questionar acerca de como lhe restaurar o sabor do sal insípido (v.13). Isso é algo impossível, não há como fazê-lo.

¹ Hendriksen, William. *Comentário do Novo Testamento - Mateus*. Vol. 1. São Paulo. Editora Cultura Cristã. 2001, p.366.

² Kistemaker, Simon. *As Parábolas de Jesus*. São Paulo. Editora Cultura Cristã. 1992, p. 30.

Com isso, Jesus aponta para a possibilidade do sal perder o seu poder, tornando-se inútil em suas aplicações (Mt5.13).

O sal perder o seu sabor e suas propriedades é impensável para nós. Mas, o sal retirado das imediações do Mar Morto era muitas vezes contaminado por outros compostos químicos, que se formavam da evaporação da água³.

Essa contaminação fazia o sal perder o seu sabor e, principalmente, a propriedade de preservação. Além de perder a propriedade de preservação, o sal adquiria uma propriedade destrutiva, a ponto de transformar um solo produtivo em uma terra estéril e sem vida.

Atento para essa possibilidade, Jesus adverte seus discípulos. No relacionamento com o mundo, eles têm o dever de influenciar sem serem influenciados. Eles têm de transformar e não serem transformados. A partir desse entendimento do cerne da parábola, é preciso analisar como ela se aplica à evangelização.

2 - EVANGELIZANDO PELA INFLUÊNCIA

Temos muitas vezes dissociado a prática da evangelização da vida diária. É muito comum nos envolvermos em programas específicos de evangelização e dizermos: "Hoje nós vamos sair para evangelizar", como se evangelizar fosse apenas distribuir folhetos ou realizar um culto ao ar livre, ou seja, atividades isoladas.

Evangelizar é algo que está profundamente associado ao modelo de vida que Cristo deixou para a sua igreja, sendo parte integrante do chamado cristão (Mt28.19; Mc 16.15; Jo 15.16).

Toda tentativa de dissociação da vida diária da prática da evangelização constitui-se numa afronta à vontade de Deus. O cristão deve evangelizar por meio de sua influência positiva em seu lar, trabalho, clube social, etc.

Onde quer que haja um cristão deve existir ali uma anunciação constante do evangelho redentor de Cristo. Isso não quer dizer que soemos bitolados ou alienados. Com certeza, isso agravaria o estigma que pesa sobre nós, o de sermos enjoados, chatos e fanáticos.

É preciso resgatar aquela maneira de viver dos cristãos da igreja de Atos que gerava admiração, simpatia e crescimento numérico da comunidade (At 2.47). Nossas atitudes contra o pecado, a injustiça e o erro são portas para falarmos de Cristo e do seu evangelho. Afinal, a mensagem do evangelho é uma mensagem de salvação que aponta também para uma mudança de vida e de pensamentos.

A mensagem do evangelho possui respostas para o problema do pecado, mas também possui respostas às questões relacionadas à moral, à ética, à política, à economia, etc. (Ef 4.20 - 5.2).

Ao apresentarmos os conceitos cristãos, estamos apresentando o evangelho e desmistificando o que o mundo está acostumado a encarar como evangelho. Agindo assim, estaremos influenciando o meio em que vivemos e fazendo Cristo conhecido de todos.

³ Ver Kistemaker, p. 29,30.

3 - A IGREJA SECULARIZADA

Como cristãos, devemos estar atentos para o perigo da secularização, que ocorre quando a igreja assume valores e padrões mundanos. O apóstolo Paulo é enfático com a igreja de Roma sobre esse perigo, quando afirma: "... não vos conformeis com este século" (Rm 12.2).

João Calvino, comentando esse texto, afirma que Paulo está proibindo os cristãos de se conformarem ao mundo, de assumir e imitar o caráter e a conduta daqueles que não abraçavam o evangelho de Cristo.⁴

Podemos aplicar a ideia de contaminação do sal à ideia de conformação do cristão ao mundo. Isso parece absurdo para alguns cristãos. "Um cristão não pode ser influenciado pelo mundo," alguém poderá dizer.

Infelizmente, temos de ser sinceros ao admitir que a secularização tem fustigado a igreja ao longo dos séculos. A igreja muitas vezes deixou de influenciar para ser influenciada. Alegadamente em nome de Deus, produziram-se verdadeiros massacres, além de muita miséria e desgraça.

Em vez de conter a degradação da sociedade, em fases tenebrosas de sua história, a igreja disseminou o erro e a corrupção. Graças a Deus, sempre houve o remanescente fiel que guardou a fé em Cristo e no evangelho.

Mesmo apesar dos erros da igreja, esse remanescente tinha seus olhos voltados para o autor e consumidor da fé. A Reforma do século 16 foi a ação do sal, por meio do princípio da preservação. Com a Reforma, a sociedade europeia pode ouvir de novo a pura Palavra de Deus.

Mas a igreja sempre volta a se encantar com o presente século. Questões como o homossexualismo são aceitas como conduta normal, por pessoas que se dizem cristãs evangélicas. Até mesmo denominações consideradas evangélicas têm aceitado a ordenação de oficiais assumidamente homossexuais.

Isso é um sinal de que o mundo está contaminando parte da igreja, a mesma que deveria influenciar positivamente o mundo. São as portas do inferno que não suportarão as investidas da igreja, e não o contrário (Mt 16.18).

Creio que a igreja deve ser contemporânea, usando a linguagem atual para transmitir as verdades eternas do evangelho, sendo relevante ao momento que a humanidade tem vivido. Porém, isso não pode ser pretexto para uma secularização.

CONCLUSÃO

Diante dessa realidade, precisamos como cristãos rever nossa relação com o mundo. Estamos influenciando ou sendo influenciados? Sob o pretexto de ser relevantes no mundo, estamos negociando os valores de Cristo ou resguardamos tais valores?

E preciso reaprender a influenciar o mundo com um testemunho vivo, autêntico e impactante, que demonstre o poder salvador e restaurador do evangelho (Rm 1.16).

⁴ Calvino, João. *Romanos*. São Bernardo do Campo. Edições Paulinas. 1997. p. 425.

Aplicação

- Para você, a evangelização faz parte do seu dia-a-dia? Como?
- Como você tem reagido às crises econômicas e políticas de nosso país? Tem apenas participado do coro que culpa as autoridades ou aponta para a resposta bíblica à crise?
- Em seu relacionamento com pessoas, elas encontram em você um referencial, com uma opinião diferenciada e coerente?
- Você tem conseguido influenciar o seu meio, seja ele qual for?

CRISTÃOS NO MUNDO

A palavra "mundo", no Novo Testamento, às vezes é usada no sentido veterotestamentário para significar esta terra, a boa ordem natural que Deus criou. Usualmente, contudo, ela designa a humanidade como um todo — agora caída em pecado e em desordem moral — radicalmente oposta a Deus. Os habitantes do mundo incorrem em culpa e vergonha pelo mau uso que fazem das coisas criadas. Paulo pode mesmo falar da criação em si como gemendo pelo livramento do mal provocado pela Queda de Adão e Eva (Rm 8.20-23).

Os cristãos são enviados por seu Senhor (Jo 17.18) à humanidade caída para dar testemunho perante ela a respeito do Cristo de Deus e de seu reino (Mt 24.14, cf. Rm 10.18 e Cl 1.6,23) e para servirem suas necessidades. Mas eles devem agir assim, sem cair vítima do materialismo do mundo (Mt 6.19-24,32) e da sua falta de interesse por Deus e pela eternidade (Lc 12.13-21), e sem imitar

O mundo na busca de prazer e de status acima de tudo o mais (1 Jo 2.15-17). A perspectiva e a atitude mental das sociedades humanas refletem mais o orgulho visto em Satanás que, por agora, continua a influenciá-las (Jo 14.30; 2Co4.4;

1 Jo 5.19, cf. Lc 4.5-7), do que a humildade vista em Cristo. Os cristãos, como o próprio Cristo, devem sentir empatia pelas ansiedades e necessidades dos homens, de maneira a servi-los e comunicar-lhes efetivamente o amor que Deus tem por eles.

Os cristãos devem considerar-se peregrinos neste mundo decaído, pelo qual estão passando momentaneamente, enquanto viajam para o lar com Deus (1 Pe 2.11). A Bíblia não sanciona nem o recolhimento monástico (que isola do mundo - Jo 17.15), nem o mundanismo (Tt 2.12). Jesus encoraja seus discípulos a imitar a engenhosidade dos não-redimidos, que usam seus recursos para promover seus próprios fins, mas especifica que os objetivos próprios dos discípulos têm de ser alcançados, não mediante a segurança terrena, porém com vistas à glória celestial (Lc 16.9).

Os cristãos devem ser diferentes dos que estão ao seu redor, observando os absolutos valores morais de Deus, praticando o amor, e não perdendo a sua dignidade de portadores da imagem de Deus (Rm 12.2; Ef 4.17-24; Cl 3.5-11). A separação dos valores da humanidade caída e de seu estilo de vida é um pré-requisito para viver a vida semelhante à de Cristo, em 30; Sl 8.6-8). A humanidade foi criada para administrar o mundo de Deus, e essa mordomia é parte da vocação humana em Cristo, para a honra de Deus e o bem dos outros, como seu objetivo. A "ética do trabalho" protestante é, essencialmente, uma disciplina religiosa para o cumprimento da chamada divina para administrar a criação de Deus.

Sabendo que Deus, com providencial benevolência e paciência, em face do pecado humano, continua a preservar e a enriquecer seu mundo desviado (At 14.16,17), os cristãos devem envolver-se em todas as formas de atividades humanas lícitas. Agindo de acordo com os valores cristãos, eles se tornarão sal (um agente profilático) e luz (uma iluminação que mostra o caminho) na comunidade humana (Mt 5.13-16). Quando os cristãos cumprirem sua vocação dessa maneira, eles transformarão as culturas ao seu redor

{Bíblia de Estudo de Genebra}.

AUTOR: REV. GLADSTON PEREIRA DA CUNHA

Para mais estudos visite o site
www.semeandovida.org